
**REVISTA PLANETA: ANÁLISE DA RELEVÂNCIA DOS
CONTEÚDOS DE SAÚDE**

**PLANET MAGAZINE: ANALYSIS OF THE RELEVANCE OF
CONTENT HEALTH**

MARRARA TAYANE LAURINDO ¹; ZENEIDA ALVES DE ASSUMPCÃO ²

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA (UEPG)

Resumo: O tema desse artigo é o jornalismo científico e o objeto são os conteúdos de saúde. Buscou-se investigar as reportagens da editoria de saúde da revista Planeta, por meio da análise de conteúdo. Com o levantamento de dados quantitativos foi possível identificar a relevância que a revista dá ao tema saúde e à forma como ele é exposto nas suas páginas.

Palavras-chave: Revista Planeta; Ciência; Saúde.

1

Abstract: The theme of this article is scientific journalism and the object is the health contents. We sought to investigate the reports of the health editorial office of the Planeta Magazine and through the content analysis. With the lifting of quantitative data it was possible to identify the relevance that the magazine gives the health's theme and how it is displayed on your pages.

Keywords: Planeta magazine; science; health.

¹ Acadêmica do Curso de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG).

² Professora-doutora da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG).

Introdução

O tema deste artigo é o jornalismo científico (modalidade saúde). O objeto de estudo são as editoriais de saúde da Revista Planeta. Foram analisadas de forma quantitativa, mediante ao método análise de conteúdo, seis edições da publicação entre janeiro e junho de 2011.

Em 1963, os franceses Louis Pauwels e Jacques Bergier criaram a revista francesa Planète, que, após ter sua versão em países como Itália, Alemanha, Argentina, Espanha e Holanda, começa a publicar a versão brasileira em 1972, com o nome Planeta, tendo como primeiro editor, Ignacio de Loyola Brandão. Com reportagens sobre ciência, turismo, ecologia entre outros, a revista também não deixa de abordar o tema saúde.

Buscou-se, então, analisar as reportagens visando responder as seguintes questões: A linguagem utilizada e a forma de expor o tema conseguem satisfazer os interesses do público leigo? As matérias possuem imagens e recursos gráficos, como tabelas ou gráficos? Os recursos visuais contribuem com a visibilidade do tema saúde?

O Jornalismo científico: uma vertente do jornalismo especializado

Audiências específicas necessitam de conteúdos específicos. Para Abihay (2011) esse é o princípio básico do jornalismo especializado. Ou seja: a necessidade crescente de publicações que supram as mais diversas demandas, sem deixar ninguém de fora e o interesse dos conglomerados econômicos em alcançar cada vez mais público formam um ambiente propício para a segmentação no jornalismo.

Nesse estágio em que as escolhas individuais prevalecem sobre o engajamento com a coletividade, faz sentido que a informação procure atender às especificidades ao se dirigir aos públicos diferenciados. É neste panorama que o perfil do jornalista sofre alterações, as publicações passam a dedicar-se mais a informação personalizada, portanto o jornalismo especializado tende a se desenvolver cada vez mais. É algo evidente quando verificamos o aumento das publicações especializadas, especialmente revistas, além dos suplementos diversificados presentes nos jornais. (ABIHAY, 2011, p. 5).

Com a consolidação da especialização jornalística, Tavares aponta que é importante a competência de tradução de assuntos muito especializados, como é o caso da ciência, para uma linguagem de sentido universal (TAVARES, 2009, p. 8). Esse mesmo autor, ainda acrescenta que essa especialização do jornalismo poderá estar relacionada à junção do tema ao veículo. No caso desse artigo, por exemplo, a união de jornalismo científico (tema) na revista (meio de comunicação). Através dos conceitos do jornalismo especializado busca-se aqui entender de que forma ocorre a produção do jornalismo científico da revista analisada para compreender se a especialização do conteúdo influi no entendimento dessas mensagens pelo público, ou seja, se o assunto específico consegue ser traduzido para a audiência.

O jornalismo científico apareceu pela primeira vez no Brasil nas páginas do Correio Brasiliense, em 1808. Mas foi apenas na década de 60, que as grandes transformações científicas despertaram a atenção do público, através, por exemplo, do desenvolvimento espacial da União Soviética. O jornalismo científico, segundo OLIVEIRA (2002) faz parte do jornalismo especializado por tratar da área de ciência e por ser responsável por propagar nos meios de comunicação social, notícias relacionadas à ciência. Warren Burket, em sua obra *Jornalismo Científico: como escrever ciência, medicina e alta tecnologia* (1990), destaca: “as indústrias baseadas na ciência alimentam essa torrente de informação com declarações de novos produtos e processos. A natureza também tem o seu papel oferecendo novas doenças”. Na década de 1970, KRIEGHBAUM começa a apontar como deveriam ser escritas as notícias de ciência pelas mídias. Segundo esse autor:

Para que um informe científico feito pelos meios de comunicação tenha boa aceitação é essencial fazer com que as notícias sejam compreensíveis e inteligíveis para o leigo que o escritor está tentando alcançar. (KRIEGHBAUM, 1970, p.109).

Essa tradução da linguagem científica para o público leigo vem ao encontro do pensamento do pesquisador Wilson da Costa Bueno, que a chama de recodificação. Assim, explica: “transposição de uma linguagem especializada para uma linguagem não

especializada, com objetivo de tornar o conteúdo acessível a uma vasta audiência” (BUENO, 1984 p.19).

Em se tratando de saúde, BURKETT dá grande importância à divulgação de saúde por estar diretamente ligada aos interesses da população. Para ele:

Muitos editores dizem que a melhor matéria é aquela que afeta maior quantidade de leitores. Uma história científica trivial pode vir a ser publicada em todo mundo quando os redatores e editores perceberem que irá interessar um grande segmento de seus leitores. As pesquisas sobre sexo e muitos outros relacionamentos humanos já trazem o seu próprio público. A pesquisa médica obtém atenção por que as pessoas universalmente reconhecem a doença como uma ameaça (BURKETT, 1990, p.51).

O mesmo autor destaca, ainda, o tema saúde como relevante sob o ponto de vista econômico porque “durante as décadas de setenta e oitenta, o custo crescente dos cuidados médicos e de saúde e das drogas, elevou os índices de inflação e representou dilemas econômicos nacionais” (BURKETT 1990). Portanto, a divulgação de saúde justifica-se tanto pelo interesse público, quanto à questão econômica. Porém, BURKETT traz à tona duas discussões pertinentes. A primeira, sobre a questão do falso alarme nas notícias de saúde. A segunda, sobre a tradução de termos técnicos. Assim, pontua o pesquisador:

As matérias nos meios de comunicação populares a respeito de novos procedimentos são um dos agravos, frequentemente citados, a médicos e pesquisadores praticantes. Tais matérias podem ser embaraçosas se o médico ainda não ouvir falar do procedimento. Mais importante, os médicos temem que estas levantem falsas esperanças em pacientes para quem um novo tratamento ou droga não é adequado ou não fornece um prognóstico melhor (BURKETT, 1990 p. 162).

Sobre a tradução de termos, BURKETT lembra que alguns autores de ciência servem como professores para traduzir e propaga instruções médicas pra pacientes leigos.

Revistas: as notícias podem ser em profundidade

Em *Jornalismo de Revista* (2003), a autora Marília Scalzo trata da natureza das revistas como veículo de comunicação. Para essa autora, os veículos impressos possuem mais credibilidade do que o rádio e a Televisão. Porém, é na revista impressa que o leitor encontra o assunto mais aprofundado, inclusive pela sua periodicidade, que proporciona aos assuntos ultrapassarem a simples transmissão da notícia, seja ela semanal, quinzenal ou mensal. Sobre o papel das revistas, SCALZO diz:

As revistas vieram para ajudar na complementação da educação, o aprofundamento de assuntos, na segmentação, no serviço utilitário que podem oferecer a seus leitores. Revista une e funde entretenimento, educação, serviço e interpretação dos acontecimentos (SCALZO 2003 p. 14).

A história das revistas começou em 1663, na Alemanha. A primeira revista de que se tem notícia é a *Erbauliche Monats-Unterredungen* (Edificantes Discussões Mensais), semelhante a um livro impresso. Segundo Scalzo, essa publicação só era considerada revista porque tratava de um determinado tema: teologia e era direcionada para um público específico. Para Scalzo:

Todas essas publicações, mesmo não utilizando o termo “revista” no nome (isso só aconteceria em 1704, na Inglaterra) e parecendo-se demais com os livros, deixam clara a missão do novo tipo de publicação que surgia: destinar-se a públicos mais específicos e aprofundar os assuntos – mais que os jornais, menos que os livros (SCALZO 2003 p. 19).

No Brasil, a primeira revista “Variedades ou Ensaios de Literatura”, criada na Bahia, em 1812, divulgava discursos sobre costumes e virtudes morais e sociais, novelas, poesias e outros conteúdos. Já a Revista Planeta, objeto desta investigação, é uma publicação mensal da Editora Três. Circula no Brasil desde 1972 e aborda temas como meio ambiente, ciência, saúde, viagens, entre outros. Essa publicação surgiu da revista francesa Planète, em 1963 e teve como primeiro editor, o brasileiro Ignácio de Loyola Brandão.

Percursos metodológicos

Nesse trabalho foram examinadas as edições entre janeiro e junho de 2011 da revista *Planeta* (circulação mensal). O recorte escolhido foram as reportagens de saúde. A pesquisa é quantitativa respaldada no método Análise de Conteúdo, à luz de Laurence Bardin e Martin Bauer. Para BARDIN, o método Análise de Conteúdo consiste em

um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos, objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção-recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 1977, p. 42).

Martin Bauer complementa:

A análise de conteúdo é uma construção social. Como qualquer construção viável, ela leva em consideração alguma realidade, neste caso o corpus do texto, e ela deve ser julgada pelo seu resultado. Este resultado, contudo, não é o único fundamento para se fazer a avaliação do produto (BAUER, 2002, p. 203).

Para conseguir entender os assuntos tratados pela revista, a relevância que a publicação dá aos temas de saúde e a forma como esse conteúdo é transmitido, utilizamos o processo de categorização, definido por BARDIN (1977), como gavetas de classificação dos elementos de significação constitutivas da mensagem, assim se coloca em ordem o processo de pesquisa e “tem como primeiro objetivo (da mesma forma que análise documental), fornecer por condensação, uma representação simplificada dos dados brutos” (BARDIN, 1977, p.119).

Sendo assim, os objetivos da análise definidos perpassam pelas as seguintes categorias: tamanho das matérias, aparição na capa, fontes de informação e recursos gráficos (figuras, tabelas, gráficos e boxe). A partir da pesquisa quantitativa dessas categorias pode-se analisar o tratamento dado pela revista à editoria, sua forma de exposição e relevância.

Resultados

Analisadas as editorias de saúde das edições entre janeiro e junho de 2011 da Revista Planeta, observou-se primeiramente o tamanho das reportagens. Entender o espaço que a editoria ocupa na publicação é necessário para perceber quanto de espaço é reservado para esses conteúdos e a variação de espaços dedicados conforme os temas.

EDIÇÃO	TÍTULO	ESPAÇO OCUPADO PELA MATÉRIA (em cm ²)	PORCENTAGEM DENTRO DA EDIÇÃO
Janeiro	As várias causas da obesidade	3.180	7,14%
Fevereiro	Diabete, o mal silencioso	3.180	7,14%
Março	Cesárea, coqueluche brasileira	2.650	5,95%
Abril	Própolis, o presente das abelhas	2.120	4,76%
Maio	Sexo sem HPV	2.120	4,76%
Junho	Diálogo entre dois mundos	4.240	9,52%

7

Tabela 1- Espaço ocupado pelas reportagens de Saúde na Revista Planeta

Verificou-se na Tabela 1, que cada página da Revista Planeta apresenta o total de 530 cm². Todas as edições analisadas apresentam também, o mesmo número de páginas, totalizando 84 e somando 44.520 cm².

Os números mostram que os espaços destinados aos conteúdos de saúde oscilam entre 4 e 10% nas seis edições analisadas da Revista Planeta. Essa abertura de espaço é considerável se levar em conta que a revista tem oito editorias fixas, além daquelas páginas dedicadas à publicidade, serviço, opinião, ou reportagens eventuais.

Outro elemento passível de entender a relevância dada pelo veículo à editoria é a incidência dos assuntos de saúde na capa. As reportagens podem aparecer na revista de três

maneiras: sendo a matéria principal, ou seja, a manchete, como chamada com foto, e chamada sem foto. Os conteúdos de saúde das seis edições analisadas apareceram na capa uma vez como manchete e quatro como chamada sem foto; uma das edições não trouxe o tema na capa. A matéria que não apareceu na capa é a do mês de abril, Própolis, o presente das abelhas, uma das que ocupam menor espaço na publicação (4,75%). Essa relação mostra coerência em deixar de fora da capa uma matéria que ocupou pouco espaço. Portanto, o tema não foi considerado relevante pela revista, ou não foi trabalhado o suficiente para render em espaço e conteúdo. A capa é um elemento fundamental da revista, já que é a capa que vende o produto e deve trazer, portanto, o que ele tem de mais importante. Como completa Scalzo (2004, p. 62), a capa direciona o olhar e “precisa ser o resumo irresistível de cada edição, uma espécie de vitrine para o deleite e a sedução do leitor”.

Trabalhar bem o conteúdo envolve também a forma como a matéria foi produzida e apresentada. Sobre a apuração, importante ressaltar a análise das fontes.

Nesse momento, considera-se fonte de informação o lugar de onde o autor tirou as informações, independente de ser uma pessoa, uma pesquisa, ou qualquer outro tipo de dado. Segundo Jorge Pedro Sousa, fonte é “Toda e qualquer entidade que possua dados susceptíveis de ser usados pelo jornalista no seu exercício profissional pode ser considerada uma fonte de informação. Existem, assim, vários tipos de fontes: humanas, documentais, electrónicas, etc.” (SOUSA, ano). Com base nessas observações, as categorias inseridas na tabela a seguir para analisar as fontes são: fonte oficial, não-oficial, dados de pesquisa, além das categorias outros, caso apareça algo novo.

EDIÇÃO	FONTE OFICIAL	NÃO OFICIAL	DADOS DE PESQUISA	OUTROS	TOTAL
Janeiro	1		8		9
Fevereiro	2		7		9
Março	3		1		4
Abril					
Maiο	4	1	2		7
Junho	4			1*	5
Total	14	1	18	1	34

Tabela 2 – Fontes da Revista Planeta

*Fonte retirada de outra entrevista ou trecho de livro

Ao analisar as fontes usadas, percebe-se que a maioria das informações parte de dados de pesquisas ou artigos de pesquisadores e documentos, ao invés de diretamente de fontes humanas, sejam elas oficiais, ou não. Outro detalhe importante é a quantidade de fontes não-oficiais. Nas reportagens de saúde em geral, as fontes não-oficiais são, costumeiramente, os pacientes de determinado tratamento ou vítimas de alguma doença. Porém, eles (pacientes e vítimas) raramente aparecem nas reportagens da Revista Planeta nas seis edições mensais estudadas. Essas mesmas seis edições trouxeram apenas uma fonte não-oficial ao texto, diminuindo a humanização nas reportagens. Para autores Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari (1986), a humanização do relato é um dos elementos principais que constituem o gênero.

Os recursos visuais utilizados na revista investigada foram divididos nas categorias: Imagens, boxes, tabelas e gráficos. A intenção foi observar se esses recursos contribuem ou não para a exposição do tema e do papel deles nas páginas da Revista Planeta.

EDIÇÃO	IMAGENS	GRÁFICOS	TABELAS	BOX	TOTAL
Janeiro	5			4	9
Fevereiro	5			3	8
Março	2	1		1	4
Abril	4			2	6
Maiο	3			1	4
Junho	9		3	2	14
TOTAL	28	1	3	13	45

Tabela 3 – Recursos visuais na Revista Planeta

Percebe-se na Tabela 3 que os recursos visuais mais utilizados foram as imagens, totalizando 28. Elas são meramente ilustrativas, ou seja, não contribuem com a explicação, apenas ilustram o texto e os 13 boxes, onde se encontram explicações sobre termos usados nas matérias e detalhes importantes que não se encaixaram no texto.

Considerações Finais

Considerando que a Revista Planeta separou uma editoria voltada à saúde, nota-se que a publicação entende o assunto como importante para o leitor. Os temas dentro da editoria, porém, oscilam quando se trata de relevância. O espaço dedicado aos temas e a ocorrência nas capas variam de acordo com o assunto abordado, já que alguns ocupam mais espaço que outros ou aparecem com mais destaque na capa.

A forma como o conteúdo é exposto, porém, não é muito diferente entre as matérias. O uso de dados de pesquisas como fontes em todas elas é um exemplo disso. Autores como Warren Burkett destacam a relevância da tradução de termos técnicos no jornalismo,

principalmente em matérias científicas. As reportagens de saúde da Revista Planeta cumprem esse papel, já que em nenhum momento deixou um termo diferente ou estrangeiro passar sem uma explicação, ou usou linguagem técnica ou hermética para tratar o assunto. As explicações de palavras ou termos complexos aparecem junto a elas no texto, ou expostas em boxes. Assim, os conteúdos se tornam claros a todo tipo de leitor, dos leigos aos especialistas.

Uma tendência nas reportagens de saúde da Revista Planeta é o uso de dados de pesquisas científicas, ainda em maior número que as entrevistas a fontes, sejam oficiais ou não. Ou seja, as pautas são apuradas de forma mais documental do que com versões de especialistas e pacientes. Esta prática pode ser entendida tanto pela falta de tempo ou efetivo para buscar fontes humanas ou ainda a opção da revista por buscar trazer novidades oriundas de pesquisas e se atentar mais a números do que buscar aprofundar o tema em todas as suas variáveis.

Os recursos como imagens, boxes explicativos, infográficos e tabelas são usados para incrementar a reportagem. As imagens, em todas as matérias são apenas ilustrativas. Ou seja, a ausência dessas imagens não prejudicaria o conteúdo exposto, porém, tornam as páginas mais atrativas e visualmente leves e interessantes. Nos boxes, infográficos e tabelas estão explicações de termos citados na reportagem e informações complementares.

Referências Bibliográficas

- ABIHAY, A. C. **O Jornalismo especializado na sociedade da informação**. Monografia de Graduação, Curso de Jornalismo, Universidade Federal da Paraíba/PB, 2000.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Portugal: Edições 70, Ltda., 1970.
- BAUER, M. W; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto imagem e som – um manual prático**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- BUENO, W. C. **Jornalismo científico no Brasil: os compromissos de uma prática dependente**. Tese (Doutorado) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo. 1984.



Sociedade Brasileira de Estudos
Interdisciplinares da Comunicação

*Iniciacom – Revista Brasileira
de Iniciação Científica em
Comunicação Social*

-
- BURKETT, W. **Jornalismo científico**: como escrever sobre ciência, medicina e alta tecnologia para os meios de comunicação. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.
- KRIEGHBAUM, H. **A ciência e os meios de comunicação de massa**. Edições Correio da Manhã, 1970.
- OLIVEIRA, F. **Jornalismo científico**. São Paulo. São Paulo. Contexto. 2002
- SCALZO, M. **Jornalismo de revista**. São Paulo: Contexto, 2003.
- SODRÉ, M; FERRARI, M. H. **Técnica de reportagem**. Notas Sobre a Narrativa Jornalística. São Paulo: Summus Editorial. 1986.
- SODRÉ, N. W. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.
- TAVARES, F.M.B. **O jornalismo especializado e a especialização periodística**. 2009. Disponível em: www.ec.ubi.pt. Acesso em: 15 de abril de 2011.